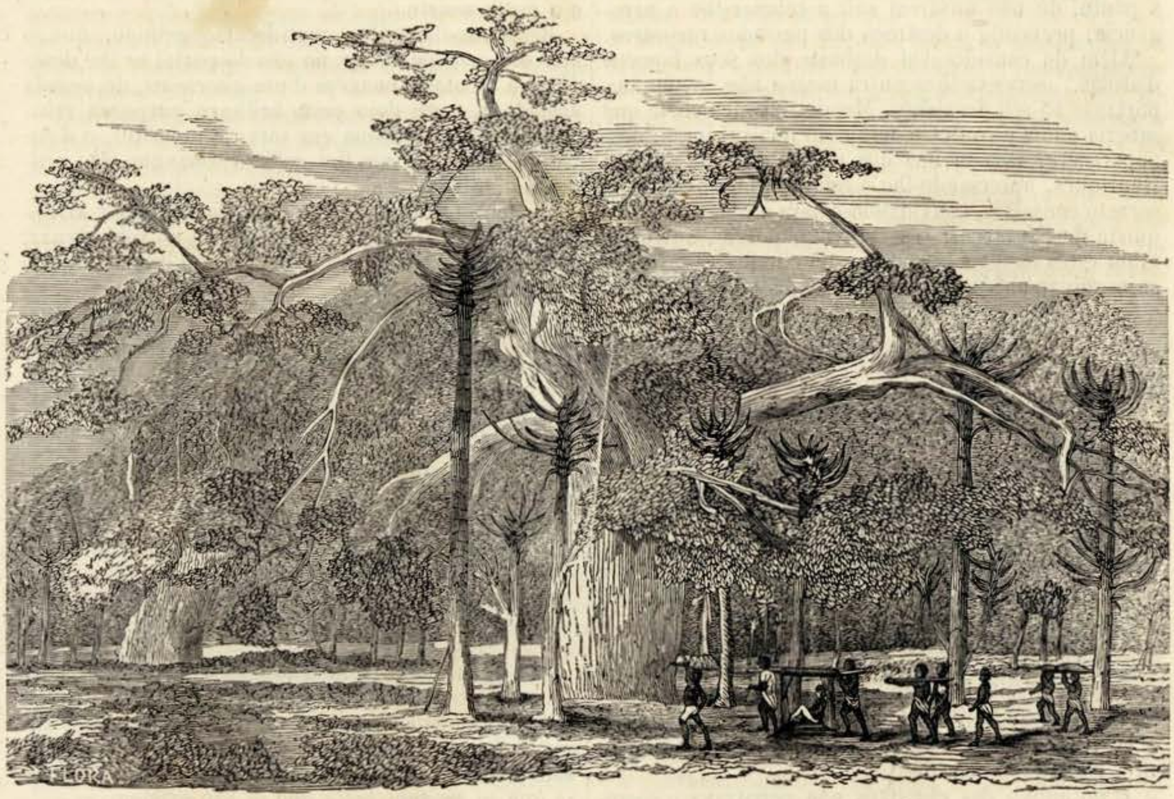


Paizagem da Africa occidental.

O aspecto da costa occidental da Africa, onde possuimos os vastos e importantissimos dominios comprehendidos sob a denominação modesta de *governo geral da provincia de Angola*, é, contando mórmente de 8 gráos para o sul, extremamente desagradavel pela sua aridez, desilludindo de golpe quem espera sempre encontrar nas terras tropicaes o luxo de vegetação, que torna tão celebradas algumas d'aquellas regiões.

Mas não é só a linha da costa que offerece a triste e monotona apparencia de um areial, ainda a algumas legoas para o interior os terrenos, genericamente fallando, são quasi despidos de vegetação, e de uma esterilidade, que faz esmorecer todas as tentativas de cultura.

Nas margens, porém, dos rios Bengo, Quanza, Catumbella, Cunene, e nas terras altas do interior, as cousas mudam inteiramente de face, e a natureza ostenta todo o vigor e galhardia, promettendo ao colono laborioso e perseverante riquezas e opulencia que em balde buscaria nos campos fatigados da velha Europa. Ahi se encontram extensas mattas virgens, como as tão celebradas da America, magnificos lances de vista, portentosos accidentes naturaes, deleitosas campinas, que só esperam braços intelligentes para se tornarem nas mais ricas lavouras do mundo, soberbas e arrebatadas cascatas.

As famosas pedras de Pungo-Andongo, sem duvida uma das maravilhas da Africa, e as vistosas cataractas no Quanza, para cima do presidio portuguez de Cambambe, são objectos que o viajante, ainda o mais prevenido, não póde deixar de admirar francamente.

Mais tarde esperâmos tratar com algum desenvolvimento das possessões portuguezas da Africa occidental, e para então reservâmos a noticia dos famosos rochedos a que acima alludimos; por agora limitâmo-nos a chamar a attenção do leitor sobre a estampa que acompanha estas brevissimas linhas. É ella tirada da excellente obra do missionario Livingston, cujo retrato e biographia démos no primeiro volume d'este semanario, pag. 73, e a que depois nos temos, em differentes logares, referido, e representa uma formosa paizagem, que se encontra no caminho que aquelle prestantissimo missionario seguiu de Cassange para Loanda. Alli se observam o magestoso baobab, verdadeiro gigante vegetal, e algumas elegantes euphorbias, de que abundam as mattas d'esta parte da Africa.

O desenho que apresentâmos foi copiado do natural pelo capitão Need, commandante do brigue de guerra inglez *Linnet*, cavalheiro mui instruido, e com quem tanto a officialidade da nossa marinha, como as auctoridades de terra mantiveram sempre as melhores relações.

O RENEGADO.

XVI

Para além do circulo esclarecido pelas almenaras, que crepitavam nos eirados das torres da alcaçova, desde o anoitecer que os esculcas attentos vigiavam o rapido perpassar de vultos informes, que se escueiravam cautelosos pela espessura d'aquelles mattagaes, como buscando um escondrijo para se reunirem.

Havia já vinte dias que as hostes muslins, capitaneadas por um famoso renegado, não permittiam repouso aos defensores do castello: o denodo e pericia do mysterioso cabo de guerra amedrontára-os a ponto, de não ousarem sair a rebater-lhe a arrogancia, prevendo o destroço dos passados recontros.

Além do consideravel desbaste dos seus homens d'armas, accrescia-lhes outra magoa não menos importante ao seu desalento. Mendo, o unico chefe que saberia punir e conter o arrojo do temivel infiel, desapparecêra. Diziam uns que o joven rei D. Affonso Henriques, apreciando-lhe o esforço, lhe enviára um secreto emissario, convidando-o para a temeraria conquista de Santarem; asseveravam, porém, outros, e eram estes os mais sensatos, que elle fugira a fim de se esquivar ao derradeiro transe da misera filha, a quem medicamento algum podéra curar.

XVII

Pelo quarto de modorra medonho alarido de subito troou em volta do alcaçar, e uma nuvem de sarracenos, impetuosos e destemidos, se lhe arremessaram ás muralhas. Recebeu-os, porém, impenetravel sebe de lanças christãs; e aquella onda revolta e ameaçadora desabou sobre si, erguendo-se de novo, para ser de novo repellida, caindo esmagada por enormes penedos, que lhe precipitavam de cima, e atulhavam a cárcova.

Resistencia tão obstinada, longe de intimidar os assaltantes, mais os enfurecia; de cada revez se levantavam enraivados e atrevidos. Era horrivel a grita; as pragas e blasphemias pareciam echos do inferno; e as trombetas tocavam a investir, a investir sempre, sempre, e sem descanço.

E no animo dos christãos não penetrava o sossobro, antes lhes crescia o vigor com a enormidade do perigo, e impeto dos aggressores; e das troneiras e barbacãs choviam incessantes os virotes, as settas e escorpiões de fogo sobre o dorso d'aquella vasta serpente, que horrenda e sanhuda apertava as suas roscas, bramindo a cada golpe, e porfiando sempre.

Mas o castello de subito apparece toucado de alvacentos rolos de fumo, que ondeam em guisa de tenues plumas na cimeira d'um capacete. E os besteiros, que guarneciam os adarves e torres, vacillam e fogem ao sentirem-se accommettidos pelas costas. O renegado á frente dos seus adeptos, desembocando d'uma passagem occulta, corre os eirados, e acutila os que mais intrepidos lhe embargam o passo. E já os miradouros e janellas cospem lavaredas, e Ben-Achmet, qual anjo maldito, no alto da torre de menagem, brandindo um facho, estimula em altos brados as suas mesnadas para o assalto.

Foi então horrorosa a peleja. Os mouros arremettem, escalam as muralhas, e varrem diante de si os que as defendem: ao clarão do incendio, e atravez de ruinas abrazeadas, as duas hostes se perseguem, se travam e envolvem furiosas, vociferando, pizando cadaveres, trucidando, e arremessando ás chammas os que já pediam a morte como um allivio, cançados que andavam de matar.

O renegado, de viseira caída, como sempre entrava em combate, abria com a sua espada larguissimo sulco por onde era mais densa a multidão de seus adversarios: e folgando a cada maldição dos moribundos, derribando e degolando, corre sequioso de sangue e desvairado como o tigre, quando se precipita sobre um numeroso rebanho, que destroça e rasga feroz e perverso, ainda estando saciado e sobre um montão de victimas.

Porém aos que lhe impeciam a entrada para o interior do castello, atacava elle de preferencia; abrindo por fim caminho, precipitou-se para o lado onde estanciavam os aposentos das donas. Mas vigorosa porta o impede, e as chammas o envolvem: desatinado e afflicto ergue a possante espada, que de seu pae herdára, e fere o rijo madeiro; redobra o golpe, e a porta resiste.

Responde-lhe então sentidissimo gemido, que o apavora e suspende; e no vão do portal se lhe desenhou a alentada imagem d'um guerreiro, de pesada armadura, e em cujo peito brilhava purpurea cruz. O olhar do phantasma era torvo e immovel, e d'entre o camal e o saio lhe golfava o sangue das profundas feridas.

O mouro recuou espantado, e forcejou por arrancar a espada, que lhe ficára cravada no roble tenaz, e que parecia trespassar aquelle vulto diaphano, que tão austero o encarava.

— Perjuraste a fé a que dei a minha vida, e queres ser feliz? exclamou uma voz grave e lastimosa, que aos vivos não é dado imitar. Exulta! Um cadaver te espera.

E o renegado, no auge do seu terror, vendo-se perseguido pelo espectro, sentiu como que desprender-se-lhe no cerebro um redomoinho de sangue, e fugiu espavorido.

O tecto desabou então com medonho estampido; e o incendio, volteando crepitantes linguas, levantou-se immenso e triumphante.

XVIII.

Em quanto a braveza d'aquella lucta, ou antes espantosa carnificina, enviava aos echos, ainda os mais distantes, a proclamação de tantos horrores e estragos, pelas abobadas do proximo acisterio se alongavam tristes harmonias de hymnos e orações, como as que se recitam pelos que já não existem.

E, de feito, no centro de duplicado renque de brandões accesos, avultava um negro ataúde: prostrado e humilde perante a justiça de Deus, parecia o misero offerecer-lhe a coroa virginal, que sobre os crepes alvejava, como um protesto ingenuo, como uma esperança despontando entre dissabores.

E magoadas, como a propria saudade, que a alma do justo lega aos que a choram, eram as preces que os monges psalmodiavam.

Eis que distante susurro, como o d'uma torrente precipitada e enorme, sobresalta aquellas supplicas, e amedronta a piedosa collegiada. O motim avisinha-se, a vozeria cresce, e o susto dispersa os monges, que, habituados a estas incursões de mouros, se apoderam dos vasos sagrados, e sáem em busca d'um refugio nas cavernas e brenhas visinhas.

E a torrente não tardou a alagar aquellas paragens; mas o templo não foi profanado.

Quem ousou oppor-se aos damnados intentos dos infieis?

XIX.

Um mancebo, de elevada estatura, e de nobre aspecto, os esperava destemido fóra do portal.

— Passae ávante, lhes disse em tom imperioso: eu protejo o sanctuario.

E quem és tu, que assim nos contrarias? perguntou um dos mais atrevidos.

— Sou o renegado.

A esta resposta inesperada, a turba recuou respeitosa e timida; e depois de breve hesitação, a despeito dos mais contumazes, que ainda altercavam, resolveram todos descer a encosta, e sumiram-se nas trevas da noite, á maneira de nuvem tempestuosa repellida pelo vento, que mesmo quando se afasta ameaça estragos.

Sentindo-os longe, o guerreiro decidiu-se a penetrar no templo deserto.

XX

Mas a sua agitação era extrema. Vergando ás intimas arguições, que a sua apostasia lhe despertava na alma; repetindo o fatal presagio da visão, pallido, tremulo, atterrado caiu de bruços sobre o marmore do pavimento, e um mar de lagrimas se lhe desprendeu dos olhos.

Que amarguradas horas aquellas! Nunca mais impiedosos os seus crimes o flagellaram, nunca mais atemorisado encarou o infinito poder d'um Deus offendido. Porém a celeste esperança que alli o encaminhára, breve lhe trouxe ao coração as doçuras do arrependimento, que, expressando-se em magoados protestos e gemidos, lhe serenou por fim os temores, que lhe tumultuavam na consciencia.

E elle ousou erguer a cabeça, e agradeceu o tepido ambiente, e o perfume do incenso, e o clarão dos lumes, como uma consolação divina, que lhe refrigerava o ardente padecer.

Mas á vista do feretro elle treme, e o coração presago lhe desfallece. Fuzilou-lhe dentro d'alma sinistro presentimento, e mão invisivel como que o impelle para onde uma dor tremenda o espera. A candida coroa de murchas boninas mais o sobresalta, e lhe dobra aquella inquietação, que elle não sabe explicar, nem póde repellir. Desatinado e ancioso afasta os crepes.... Suspende-te; com esse manto negro arrojas aos pés a tua felicidade. — Já não é tempo; o cadaver está patente.... diaphanos véos o envolvem, e lhe desfiguram o airoso talhe.... É uma mulher, é um anjo adormecido sobre nuvens....

O renegado reconhece-a.... sente afiado golpe rasgar-lhe o cerebro, solta um grito medonho, e suffocado em lagrimas, a ergue nos braços, a acaricia e a beija avidamente, e quasi delirante.

— Onde te encontro eu, Yeldez! Póde o teu amor abandonar-me? Abjurei as minhas crenças, ensanguentei-me, destrui a querida vivenda, sanctificada com o tumulo de minha mãe, e premeias-me com o teu cadaver?! Desperta, Yeldez, e responde ás minhas esperanças. Para te arrebatar a um rival mendiguei o auxilio de inimigos, e não hesitei acceitar-lhes a condemnação de minha alma; que o possuir-te era o meu unico desejo, que me deslembrava de Deus, e da minha consciencia. E tu dizes-me impossivel? Assim me recebes?! Mas eu comprehendo-te, Yeldez; a tua morte é um convite.... Aqui estou, voemos juntos.

E o infeliz embebeu no peito um agudo punhal. Um monge, que até então o estivera contemplando occulto na sombra d'um pilar, correu a sustel-o, e debulhado em lagrimas procurou estancar-lhe o sangue.

O moribundo encarou-o em silencio, e em voz sumida e debil, lhe disse:

— Não chores, Mendo; eu já te perdoei.... Vou ser feliz.... Yeldez espera-me....

E o seu anjo desceu a receber-lhe o espirito......

....

No dia seguinte os religiosos, regressando ao mosteiro, sepultaram Tristão e sua amante no terreiro contiguo á veneranda egreja.

Desde então, e havia mais de quinze annos, todas as noites, a deshoras, vinha áquelle sitio o solitario da montanha orar e carpir junto dos dois tumulos rasteiros e toscos.

XXI.

Espesso manto de nuvens enluctava os ares, e a tempestade rugia ao longe.

Era uma d'essas noites pavorosas do inverno, em que o sueste rebenta violento, e em que o susurro das selvas contrista como um côro de finados. E o Oceano, ao sentir-se fustigado, acorda revolto em espumosas vagas, e se arroja enfurecido ás nuvens, e atroa as praias, qual gigante que, sobresaltado de um suave somno, ao ver-se maniatado, forceja bramindo, e raivoso se estorce.

Atemorisado por aquelles horrores imminentes, o cenobita se afasta dos dois tumulos, e apressadamente segue o caminho do arruinado castello; alli, ferindo uma pederneira, accende um facho resinoso, e começa a subir a ingreme e escarpada ladeira da serra.

E a borrasca estendia-se medonha pelos ceos. Amiudados relampagos, rasgando-se, se alastravam pelas nuvens, no mais fechado das trevas, que impellidas pelo tufão, chegavam de tropel e em caprichosos recortes, á maneira de um bando de demonios escapados do seu carcere, e vomitando chammas. Os raios cruzavam-se, e como que escreviam nos ares tremendas ameaças, e a chuva copiosa alagava as planicies, e de fraga em fraga tombava das montanhas d'envolta com os penedos e arvores, que aos impetos do vento caíam e rolavam lascando-se nas arestas do abysmo. E com o ribombo dos trovões a montanha sacudida abria fendas e barrocas por onde se precipitavam rios; e as cavernas esturgiam com os uivos das feras, que andavam correndo espavoridas em busca d'um refugio.

Porém o ermitão não esmorecia, nem o seu facho se apagava! Cercado de tantos horrores, tropeçando em fundos barrancos, quasi alcançado pelas torrentes, que espumando escorregavam, topando ora um tronco d'arvore desarraigada, ora um penhasco que o feria, logrou chegar ao cimo do promontorio.

Uma rajada de vento então o deitou de joelhos. A borrasca tocava o seu auge, e era horrenda a sua furia. Parecia o ceo um vasto incendio, que o tufão mais ateava: tudo eram horrores, bramidos, destruição e chammas. Eis-que retumbante trovão estala nos ares, e um turbilhão de fogo desce ao promontorio: ouve-se então um brado afflictivo, e depois um baque estrepitoso e pesado.

O chão tremeu e abriu-se....

O promontorio tinha desabado no Oceano.

Na furia do vendaval voára o eremiterio; e desde essa noite não appareceu mais a luz mysteriosa percorrendo aquellas alturas.

J. G. DOS SANTOS LIMA.

O JAPÃO.

Ha pouco mais de trezentos annos um principe japonez, governador de provincia, escrevia a um subgovernador, seu genro: « Faço-vos saber, meu filho, que alguns sujeitos vindos d'essa terra me affiançaram que estavam em vossa cidade tres estrangeiros lá do cabo do mundo, homens que parecem dar-se muito bem com os do Japão, que vestem de seda, e usam espada ao lado, não como mercadores, mas como quem exerce a profissão das armas. Soube mais que esses homens vos affirmaram, debaixo de sua palavra, que existe outro mundo, povoado de gente de côr preta, da qual vos contaram cousas espantosas. Por isso vos rogo encarecidamente, que me envieis um d'esses estrangeiros, para que me eu alegre com a sua vista. »

Estes homens do cabo do mundo, que o digno governador tanta curiosidade tinha de ver, eram aventureiros portuguezes. Um d'elles, Pinto, (1) ensinou

(1) Os primeiros portuguezes que aportaram ao Japão foram Francisco Zeimoto, Antonio Peixoto e Antonio da Motta, que dirigindo-se para a China, um temporal arrojára ás costas d'aquelle imperio em 1542. N'este anno chegaram tambem ao Japão o celebre Fernão Mendes Pinto (a quem provavelmente se refere o auctor), Christovão Borralho e Diogo Zeimoto.

aos japonezes a fabricar arcabuzes, e dois annos depois já elles tinham feito trezentos mil, prova eloquente do prodigioso espirito de imitação e progresso d'este povo pouco conhecido.

Conheceram aquelles nossos compatriotas de quão grande vantagem seriam as relações commerciaes com uma nação tão rica em metaes preciosos, em porcelana e em sedas. A seu chamamento, de todos os estabelecimentos portuguezes da Asia affluiram mercadores e missionarios. Foram todos benevolamente recebidos. As portas do Japão estavam então abertas para todos: o porque ellas se fecharam vamos nós dizel-o. Jesuitas e franciscanos vieram depós os commerciantes portuguezes; humildes, ao principio, e caridosos como um Loyola ou um S. Francisco Xavier, (1) em breve ambicionaram para si honras e riquezas, pretendendo predominar sobre os altos dignatarios do paiz. Erro immenso n'um imperio fundado sobre a hierarchia mais minuciosa. Aos magnatas ligaram-se na communidade do odio os bonzos, ameaçados em sua influencia religiosa pelas numerosas conversões ao christianismo. Uma conspiração dos christãos portuguezes acabou de os desconceituar, e a perseguição geral que se seguiu os fez desapparecer do Japão.

Esta lição terrivel foi perdida para a Europa. Em 1611 a Hespanha enviou ao Japão uma embaixada apparatosa, a bordo do enorme galeão *Madre de Dios*, que foi fundear na bahia de Nangasaki. O governo japonez sobresaltou-se, desagradou-lhe este modo de travar relações de amizade, e por isso determinou que o tal galeão fosse incendiado. Tres mil japonezes succumbiram no feito, mas o navio ardeu.

E aqui está porque este povo cortez, civilisado e



Dama japoneza de palanquim.

amigo das sciencias e da novidade, se viu obrigado a expulsar os *homens do cabo do mundo*.

O hollandez, mais prudente, procedeu de differente maneira. Fez-se humilde e paciente. A missão batava deixou-se encurralar, como em quarentena, na pequena ilha de Decima. Por este preço conseguiu conservar-se ao lado de Nangasaki, a soberba, a cidade dos tres rios, de porto immenso, coroada de verdes montanhas, cravejadas de alvos pagodes. É d'alli que a Hollanda commerceia com o Japão, debaixo das vistas da alfandega.

Em sua pequena prisão, edificada em amphitheatro n'uma ilha artificial, ligada ao Japão por uma pontesinha de pedra, cuidadosamente vigiada sempre, os hollandezes tem buscado todos os meios, ainda os mais illegitimos, para augmentar o seu commercio com o suspicoso imperio. Por isso, notando o respeito dos japonezes pelas pessoas corpulentas, tiveram o cuidado de só deixarem desembarcar capitães de navios dotados da mais magestosa obesidade: as sentinellas, porém, em breve descobriram o segredo de tão opulentas saudes, e, dignos rivaes dos nossos guardas d'alfandega, alliviaram os taes capitães das almofadas que lhe engrossavam e arredondavam as fórmas. É escusado dizer que as almofadas estavam cheias de fazendas prohibidas!

De quatro em quatro annos uma embaixada hollandeza parte de Decima, em ricos palanquins atapetados de papel dourado, e com jelozias de finissima rede de bambu, sendo-lhe permittido visitar em Miako, capital pontificia, os templos dos trinta e tres mil trezentos e trinta e tres deuses japonezes, e o Mikado, ou imperador religioso; e em Yedo, capital politica, o *Siogoun*, ou imperador politico; pois que no Japão, por uma singular anomalia, a soberania é dividida por dois monarchas. Durante vinte e cinco seculos, a velha dynastia dos *Mikados* reinou alli por successão legitima e constante: mas, lá tambem, mordomos energicos e turbulentos, os *Siogouns*, chefes militares, supplantaram os preguiçosos imperadores. Um Siogoun apossou-se do poder, e respeitando a antiga raça dos senhores do Japão, ou para melhor os esbulhar, converteu-os em deuses sem auctoridade civil. Desde essa epocha, o Mikado, mettido no templo, objecto de universal adoração, foi privado de toda a influencia politica. É sagrada a sua pessoa; a sua corte compõe-se de mulheres e de sacerdotes; ninguem d'elle se aproxima senão a tremer;

(1) S. Francisco Xavier chegou ao Japão, aonde já as náos portuguezas iam commerciar, no anno de 1549.

os sagrados pés não devem jámais tocar o chão; se quer passar de uma sala para outra, os servos o tomam respeitosamente sobre os hombros. O sol, dizem os japonezes, não é digno de allumiar a sua cabeça. A porcelana em que elle tenha comido deve ser quebrada. Tal é o imperador-idolo, que vive em Miako, n'um bairro isolado por muralhas e vallos.

Situada n'uma vasta e deleitosa campina, Miako conta mais de 500:000 habitantes, dos quaes 50:000 são sacerdotes.

Os deveres do imperador Sigoun para com o imperador-pontifice limitam-se a um respeito profundo. Morto o Mikado succede-lhe o mais proximo parente, e como a lei salica não existe no Japão, a escolha não é difficil. Uma mulher mesmo póde cingir a inoffensiva coroa.

Yedo, residencia dos Sigouns, está situada em 35° e 32′ de latitude septentrional, no centro de uma immensa campina, que orla um bello golfo. A cidade estende-se em meia lua, como todas as cidades japonezas, e é cortada de grande numero de canaes ladeados de diques, sombreados de magnificas arvores.

Os costumes do Japão, o cioso isolamento em que elle vive não nos permittem saber muito a tal respeito. O museu da Haya possue todavia um pequeno Japão em miniatura, obra de um hollandez que viveu trinta annos em Nangasaki. Este primor d'arte microscopico, este Japão-anão, de madeira pintada, contém bonzos, guerreiros, principes, lavradores, mariolas, mulheres de todas as categorias, desde a mulher plebêa até á imperatriz, assentada em um salão sobre luxuosas almofadas, e vestida, segundo a etiqueta, com as suas quarenta e cinco saias.

Eis-aqui o que a paciencia e a ductilidade dos hollandezes nos permittiu saber até agora a respeito



Cidade de Nangasaki.

d'este curioso paiz. Em breve saberemos muito mais, pois que a 31 de março 1854, assignou-se em Kanagawa um tratado entre os Estados Unidos e o Japão. Obteve-o o commodoro Perry, apresentando-se acompanhado de oito navios a vapor armados de grossa artilharia. A 19 de outubro 1855 o almirante Stirling concluiu em Nangasaki um tratado similhante. A França e a Russia uniram-se a este esforço da civilisação imperiosa das raças occidentaes, que já alcançou a abertura dos portos de Nangasaki e de Hakodadi.

Todas estas aldravadas na porta do mysterioso imperio revelaram de sobra a sua fraqueza. A 11 de dezembro 1856 dois navios inglezes se apresentaram tambem no porto de Nangasaki, e o governador, por antiga costumeira, negou-lhes a entrada. Mas os officiaes saxões, os barbaros vermelhos, com o tratado de 1855 na mão, vogaram ávante tranquillamente, e ancoraram ao alcance das baterias, que se conservavam silenciosas.

Entre os tratados concluidos, de boa vontade ou á força, um dos mais importantes para o futuro do Japão é o que acaba de alcançar a Russia. Algumas palavras de geographia explicarão a posição especial do imperio dos czares em relação ao do *sol-nado*.

O Japão compõe-se, como se sabe, de tres archipelagos, que se estendem a léste da Coréa e da Mantchouria, abrangendo uma superficie de 28:000 leguas qudradas, e uma população de cêrca de trinta milhões de habitantes.

Estes tres archipelagos formam uma especie de grande triangulo; as Kouriles meridionaes ao nordéste; Yeso ao noroéste; ao sul Nipon ou Niphon.

As Kouriles e Sakhalian, a maior das ilhas do archipelago de Yeso, são povoadas por uma raça pouco numerosa, os aïnos, cujo estabelecimento principal está situado na ilha de Matomaï, ao sul de Sakhalian.

Estes aïnos são pouco mais que selvagens. Parece que representam os restos de uma nação que vivêra outr'ora na ilha de Niphon. As suas feições e idioma revelam uma raça congenere dos tatares e dos kamtschakas.

Ora as ilhas Aleoutinas, cêrca da ponta meridional do Kamtchatka, pertencem á Russia, e por estas ilhas, que confinam com um dos tres archipelagos japonezes, e pela immensa costa que possuem em frente da Coréa e do Japão, no Pacifico, os russos estão em admiravel posição para commerciar com o mysterioso imperio.

Os verdadeiros japonezes, os habitantes civilisados de Niphon, esses aproximam-se ao typo chinez. Cutis amarellenta, olhos fendidos em fórma de amendoa, e vivos, sobr'olhos arqueados, cabeça grande, pescoço curto, cabellos pretos luzidios, barba rareada, e nariz pouco proeminente, mas não achatado. O caracter é, como as feições, superior ao dos chinezes. O japonez é tratavel e bondoso; excessivamente desmoralisado, mas a sua corrupção não apparenta o egoismo bruto e a bestialidade feroz da corrupção chineza.

Krusenstein, Sangdorff, Titsing, Kampfer e Fraissinet gabam a intelligencia e bom senso dos japonezes, declarando até que não vale a pena impor-lhes uma civilisação da qual pouco terão a aprender. Nós sabemos, porém, com quanta reserva devem ser recebidas estas informações de viajantes e navegadores. Tambem a China era para muitos o modelo de um estado bem regido, e os chinezes o typo de um povo bem morigerado; e todavia os factos tem-nos mostrado o contrario.

Nós cremos que apesar de, em apparencia ao menos, o Japão ser um imperio bem governado e mais solido que a China, nem por isso é menos corrompido e menos condemnado. A civilisação christã, este grande dissolvente das sociedades caducas, já lá penetrou, e não abandonará a sua obra providencial. Deve ser bem facticio e fragil o Japão, pois que tanto se arreceia da luz; e nós entrevemos n'um futuro assás proximo, o desmoronamento de todos estes imperios, que a mão de Deus impelle visivelmente sob a poderosa attracção das forças modernas. (1)

VASCO LOPES

GRÃO-MESTRE DE SANTIAGO.

1338.

I.

Um sino do convento prioral de Santiago de Uclés vibrava de hora em hora com lugubre som. Tangia á agonia de um moribundo. Tres dias e tres noites assim passaram. Os habitantes consternados poderam calcular pelo dobre, que se não interrompia nem repousava, o progresso d'uma morte imminente, mas tão lenta em decidir-se. Na anxiedade de todos, nas pulsações de tantos peitos se conhecia que era grande o personagem que agonizava.

Com effeito, o homem que produzia tudo isto era o grão-mestre da ordem de Santiago D. Vasco Rodrigues de Cornado, que havia quatorze annos governava a ordem, com impaciencia da ambição dos que cobiçavam a herança da dignidade, então egual ou superior á dos reis.

Uclés era n'aquelle tempo uma cidade populosa; o convento de Santiago a mais insigne e poderosa das fortalezas da ordem; a dignidade magistral uma soberania ricamente dotada, obedecida por numerosas hostes.

Hoje, que tantas cousas antigas desappareceram para dar logar a outras ainda mais grandiosas da civilisação moderna, Uclés não é mais que uma modesta povoação da Mancha; o convento-alcaçar, monumento de tantas glorias d'aquelles tempos, cáe derrocado; em vão a cruz do apostolo, em fórma de espada, se ostenta ainda por todas as portas e muralhas.

Quem diria áquelle povo tão animado ha tres seculos, para onde refluiam as riquezas e tropheus arrancados aos arabes da Andaluzia, os thesouros que a generosidade dos cavalleiros de todas as provincias augmentava á porfia, que viria um dia em que as paredes da casa levantada á custa de tanto sangue, de tanta gloria e de tantas despezas, seriam ruinas, e os despojos da ordem guerreira e hospitaleira se venderiam a troco de um desacreditado papel, a que o agio do seculo dera um valor precario, indeterminado e tão movel, como as paixões que agitam a cobiça humana?

Nos seculos do feudalismo e da invasão sarracena os cavalleiros das ordens militares armaram-se para restabelecer a paz, castigar as tropelias d'alguns senhores, e arrancar lentamente, mas em lides continuadas, aos arabes o terreno, que tão facilmente lhes deixára conquistar o degenerado governo dos ultimos monarchas godos.

A religião, que achou n'estes cavalleiros-religiosos defensores á fé, e apoio ao fraco, considerou esta ordem como uma milicia sagrada, como um sacerdocio bellicoso, digno das bençãos e favores do ceo. A egreja fez mais augusta e veneravel a instituição, intervindo com a sua pompa e com os seus mysterios na recepção dos cavalleiros. O zêlo e valor d'elles tambem redobrou pelo caracter sagrado de que os investiram; e os povos conceberam por elles mais alto respeito e veneração. Os reis, cujo poderio era tão limitado, apoiavam-se no seu poder, e davam continuas mostras do apreço que lhes mereciam homens, cuja fidelidade lhes era tão necessaria, cujas forças e riquezas eram innumeras. Porfiando em honrar estas ordens, procuravam politicamente que os cavalleiros fossem ao mesmo tempo a espada, o escudo, e o ornamento do seu throno.

Foi assim que as ordens militares subiram a tamanho grão de celebridade e poder, quasi fabulosos. N'aquelles tempos vêem-se os grão-mestres eguaes ou superiores aos reis. Os cavalleiros são arbitros dos acontecimentos d'aquelles seculos. Póde dizer-se que n'aquella edade, em que desappareceram as artes e adormeceram as letras, a cavallaria foi um raio de civilisação, que penetrou e brilhou no meio das trevas da barbaria.

A morte do grão-mestre Cornado era, pois, um grande acontecimento. Affonso XI reinava em Castella. O reino, dividido em grandes parcialidades, ardia com a guerra civil que as pretenções dos infantes D. João e D. Manoel, tios do rei, lhe ateavam. Eram taes circunstancias que faziam mais importante e difficil a eleição de novo grão-mestre.

O lugubre tanger do sino, que do alto da egreja prioral e conventual annunciava a agonia do grão-mestre, fôra sempre signal para desencadear a ambição dos pretendentes, e desenrolar intrigas e manejos de rivaes poderosos. Quando em 4 de março 1338 os cavalleiros começaram a ouvir o dobrar da campa funebre, que havia quatorze annos não resoava em seus ouvidos, grande e geral foi a sua agitação. A primeira badalada foi um signal de alarme para todos os cavalleiros que, desde annos, prevenindo o proximo fim do grão-mestre, se preparavam para a eleição, creando partidos, e tratando de ganhar votos á força de dadivas e promessas, que um dia cumpriria o venturoso successor á custa do thesouro da ordem.

Na eleição que estava propinqua não combatiam só os interesses e ambições dos cavalleiros. O rei estava grandemente interessado em que o successor do velho Vasco Rodrigues fosse da sua parcialidade, e combatesse as ambiciosas pretenções dos infantes seus tios.

O espirito de partido, por muito tempo refreado nas diversas facções dos cavalleiros, manifestára-se com toda a violencia nos tres dias que durou a agonia de Cornado. Os grandes dignatarios da ordem, que podiam aspirar ao mestrado, calculando habilmente, tinham-se encerrado em suas casas, em quanto os agentes dos partidos rivaes andavam e desandavam inquietos pela praça, instinctivamente separados, uns pela direita, outros pela esquerda, como se fossem

(1) Extractado do *Musée universelle*.

dois inimigos dispostos a batalhar. Evitavam encontrar-se, e só não escondiam vistas hostis e algumas expressões de odio, quando acaso as cruzavam.

— Aposto com quem quizer (dizia no meio de um pequeno grupo um cavalleiro andaluz), que hei de provar que D. Vasco Lopes não póde, não deve ser nomeado grão-mestre!

— Um gallego!... (tornou outro). São de mais os quatorze annos que temos aguentado o que váe morrer. Encheu a ordem de gallegos e asturianos, e deu-lhes as melhores commendas. Gallegos, gallegos, que todos juntos não valem o punho da minha espada! Miseraveis, que venderam os votos e a consciencia a Vasco! Como se mostram altivos contando com o triumpho!...

— São uns traidores! Vasco é o primeiro que está pelo infante D. Manoel. Mas nós não abandonaremos a causa do bom rei D. Affonso.

— El-rei já mandou ordens, para o caso em que falleça Cornado. Hoje mesmo chegou recado seu. Está em Cuenca. Ordena que se vá fazer alli a eleição, e diz que lá espera os treze.

— Sim, mas como isso é contra os estatutos, que dispõem que a eleição se faça sempre n'um dos povos da ordem, os gallegos, que estão em maioria, resolveram responder-lhe, que defenderão as liberdades e prerogativas da ordem, nomeando pessoa que convenha ao serviço de Deus e d'el-rei.

— Vasco talvez!

— Mas D. Affonso não se ha de descuidar, e ajudará a nossa empreza.

— Deus confunda essa gente, e nos dê a honra de tirar grão-mestre d'entre os nossos.

N'outro grupo mui numeroso, um commendador ancião, fazendo mil gestos para expressar a dor acerba que lhe causava a agonia de Cornado, procurava preparar os animos para a eleição de Vasco Lopes, sobrinho do agonizante.

— Nós devemos defender nossos foros (dizia elle), porque el-rei D. Affonso quer intervir nos negocios da ordem. Não é ella tão soberana no seu territorio, como el-rei no seu? Não o arrancámos a sarracenos á custa do nosso sangue? Sabeis quem quer fazer eleger para nos cobrir de vergonha?...

— Quem? (perguntaram todos n'uma só voz).

— Uma criança, fructo de seus amores criminosos: D. Fradique, filho de D. Leonor de Gusmão.

— Um menino de sete annos para nos governar! (disse com indignação outro cavalleiro) um menino quando os mouros da veiga de Granada chegam quasi ás portas de Uclés!

— Talvez não se atreva hoje a exigir tanto; mas não duvideis que o pensamento d'el-rei é dar a mesa magistral a seu filho. Esperará que tenha mais alguns annos, e procurará entretanto um grão-mestre que, quando chegue esse tempo, renuncie o poder, depois de ter dissipado os thesouros da ordem para ganhar parciaes ao partido do throno.

— D. Affonso Melendez de Gusmão é o homem designado por el-rei para guardar como em deposito o mestrado para o bastardo.

— Affonso Melendez!... o digno irmão de Leonor!... (disse um dos mais jovens, soltando ironica gargalhada).

— A mãe d'esses bastardos, que um dia hão de continuar a guerra civil, que ha tantos annos devasta a infeliz Castella!...

— Firmeza, meus amigos, (disse o velho commendador) e a victoria será nossa. Nada ha que temer da aproximação d'el-rei. Vasco está d'acôrdo com o infante D. Manoel. Para onde se inclina a espada de Santiago, para ahi váe o triumpho. Viva o novo mestre D. Vasco! Em seu nome offereço a todos vós os maiores cargos e mercês.

— Quem falla de cargos e mercês! (murmurou hypocritamente e em côro o grupo de cavalleiros gallegos, pensando já cada um nas commendas e governo das fortalezas que havia de pedir).

Em quanto estas e outras palavras se trocavam nos grupos; em quanto com ellas se creavam e surgiam novas ambições; as dos anciãos e chefes de partido para commendas mais pingues e mais altas dignidades; as de outros menos influentes pelas vantagens pessoaes que podiam tirar do governo d'um grão-mestre eleito por elles; D. Vasco Rodrigues de Cornado luctava com as ultimas agonias no seu mosteiro-palacio, sito na mesma praça, theatro de tanta agitação e movimento. Em meio do pouco pesar que a sua morte inspirava, e da effervescencia dos animos, alguns fixavam a vista com anxiedade n'aquelle grande e pesado edificio que o escondia. Alguns temiam vêl-o ainda apparecer vivo aos que tão perto disputavam já a sua herança, porque mais de uma vez o malicioso ancião se tinha divertido a fingir e exaggerar os proprios padecimentos, favorecendo com isto a formação de cabalas e partidos, que com ironico sorriso desbaratava, apresentando-se de repente cheio de vida nas varandas do convento, e burlando assim a esperança a proximos futuros successores.

Mas agora a maior parte dos cavalleiros punha olhos mais confiados na massiça e parda varanda de pedra, onde Cornado não devia tornar a apparecer.

Em quanto os cavalleiros mais activos estavam na praça, os chefes das parcialidades rivaes não appareciam. Um dos pontos de reunião dos partidarios de D. Vasco era a casa de D. Sancha de Castella, parenta mui proxima do grão-mestre Cornado, a quem os cavalleiros gallegos e asturianos o queriam dar por successor, não tanto pelo espirito de provincialismo, como por ser sobrinho do moribundo.

D. Sancha tivera um irmão commendador e claviculario da ordem, que morrêra, havia tempos, e fôra o amigo e companheiro d'armas do commendador Vasco. Juntos tinham feito suas primeiras campanhas. Juntos tinham subido aos primeiros cargos da ordem. D. Sancha tinha grande fortuna. Viera de Galliza a Uclés em edade em que a maledicencia já nada podia suspeitar das suas quotidianas relações com Vasco. Sua devoção, sua bondade extrema a tinham defendido de toda murmuração, mesmo nos bellos dias da juventude. Além d'isso a sua amizade a Vasco tinha explicação tão facil, que nunca occorrêra a ninguem duvidar da virtude de D. Sancha, e da austera severidade de costumes do amigo de seu irmão.

Vasco era altivo e ambicioso; soberbo, talvez avaro, como diziam os seus contrarios, e duro no trato, do que se queixavam os cavalleiros que tinham servido debaixo das suas ordens; mas nem mesmo os que o atacavam nos seus modos e caracter pozeram nunca em duvida a austeridade da sua vida.

A vida de D. Sancha era consagrada á devoção. Só duas vezes no espaço de vinte annos saíra de Uclés; a primeira para ir em devota peregrinação ao sepulchro do santo apostolo Santiago, no que ainda foi acompanhada por seu irmão; a outra, havia cinco annos, vindo á cidade do Porto, em Portugal, d'onde voltára acompanhada por uma linda joven de dezesete annos, ainda parenta sua, segundo dizia, e da familia dos Rodriguez, de Galliza. O ultimo acontecimento da pacifica vida de D. Sancha, depois da morte de seu irmão o commendador D. Sueiro, e da vinda da joven Leonor, sua pupilla, fôra a recente chegada a sua casa d'uma bella estrangeira, por nome Isabel, de formosos olhos pretos, com quem fizera conhecimento quando annos antes estivera em Portugal.

A casa de D. Sancha, em que estavam reunidos os parciaes de D. Vasco, tinha todas as apparencias d'um palacio d'aquelles tempos. Admiravam-se n'ella

magnificos objectos de paizes remotos, de que a opulencia e o gosto de seu defuncto irmão enchêra as salas; despojos opimos das caravanas, das presas feitas aos infieis; preciosos tecidos da Arabia, tirados, ou do serralho dos imperadores de Marrocos, ou dos harens dos reis de Cordova e Granada; telas de Ispahan, sedas de Bassorá e de Trebisonda, ricos tapetes de Smirna. Todo o luxo dos emires, dos bachás, e dos principes, estava na morada da irmã d'um commendador, amiga do futuro grão-mestre d'uma ordem religiosa.

— Mas, senhores (dizia a estrangeira, vendo que a conversação continuava em voz baixa e mysteriosa, e que D. Sancha, affectando pezar pela enfermidade do grão-mestre, nada dizia), que noticias ha do mestre de Santiago?

— De que mestre fallaes, senhora? (respondeu perguntando um cavalleiro) A estas horas teremos dois ou tres em Uclés.

— Duvidaes? (tornou Isabel, fixando olhos no que lhe dava tão importuna resposta). Fallo do pobre ancião vosso unico mestre em quanto for vivo, e que talvez n'este momento esteja expirando só, e abandonado no palacio.... Quanto é duro morrer assim sem que ninguem nos chore!...

— Exaggeraes os sentimentos, nobre dama. Asseguro-vos que o nosso mui amado grão-mestre não leva as cousas tão depressa como suppondes. Ha já tres dias que esta maldita campa está soando...

— Senhora (atalhou outro commendador ainda moço), se isto dura mais tempo morremos de fastio com agonia tão lenta. Não vos figuraes o que é Uclés ha tres dias. Má occasião em verdade escolhestes para vir aqui onde sois recebida ao som de campas funeraes. Devieis exigir á ordem reparação pelo triste acolhimento que vos fez. Eu pediria para ser o que vol-a viesse dar de joelhos.

Isabel lançou olhos de agradecimento ao galanteador.

— Asseguro-vos que a ordem não me deve reparação. Uclés com suas muralhas, bastiões e castellos tão formidaveis apraz-me sempre. Quando cheguei e vi pela primeira vez esta villa com todo o orgulho de suas fortificações, pareceu-me um glorioso e luminoso pharol, uma fluctuante bandeira a que se ligavam vagas recordações minhas. Ainda não sei que esperanças tudo isso desperta em meu coração com os sonhos dos meus passados annos.

— Os elogios (tornou o mancebo) que fazeis da villa e do nosso convento fazem-nos esperar que teremos a dita de vos ver permanecer aqui algum tempo.

— Vosso convento! modesto sois em verdade, commendador (replicou vivamente Isabel). Não é só convento o que é um palacio fortificado. E a coroa com que se adorna a entrada? No alto de suas torres desenrola a todos os ventos a bandeira de uma ordem soberana com a estatua do apostolo triumphante, e braço armado de fulminante espada para combater a mourisma, e abençoar os cavalleiros que formam uma milicia nobre e poderosa, com um chefe egual dos reis, a quem só falta, para o ser, cunhar moeda com o seu busto. Convento diz pouco n'este caso.

— É por isso sem duvida (disse em tom de gracejo um dos que até alli tinham escutado em silencio) que haverá quem vote em Gusmão, porque el-rei lhes poderá dar em recompensa alguns milhares do seu retrato em bons e novos ducados, para pagarem suas dividas, já que não podem ter o busto do digno irmão da manceba d'el-rei!

A conversação ia rodar sobre este ponto quando, abrindo-se a porta do salão, se notou geral movimento. Todos se apressaram a saudar com deferencia e respeito um cavalleiro de estatura elevada, ar nobre e severo, que em vão se esforçou para retribuir-lhes com affaveis saudações, que ainda assim deixavam perceber orgulho e altivez.

Um dos que estavam, de costas voltadas para a porta que se abrira, adiantou-se para D. Sancha, e fingindo não ter visto quem entrava, levantando a voz, exclamou, sem ter dito cousa alguma até alli:

— Sim, senhora; repito-vos que só D. Vasco Lopes será nosso grão-mestre. Assim Deus me ouça!

Quando depois se voltou e viu o recem-chegado, fingiu-se sobresaltado, e saudou profundamente o personagem, que não era outro senão o competidor de D. Affonso Melendez de Gusmão; aquelle que a grande liga dos gallegos favorecia, o sobrinho do grão-mestre que expirava, o commendador D. Vasco Lopes.

Ao ouvir pronunciar este nome, ao ver aquelle aspecto severo e sombrio, os labios, um instante antes risonhos de Isabel, emmudeceram, e como fascinada sentiu desfallecer o coração. Os olhos negros e formosos fixava-os com assombro, já em quem pronunciára aquelle nome, já no mesmo D. Vasco. As pupillas dilatadas contemplaram com espanto e angustia aquelle rosto altivo, que em vão parecia interrogar quando seus labios debalde tentaram articular uma palavra. Caíra desmaiada.

D. Sancha e Leonor deram-se pressa em acudir-lhe.

— Por minha fé (disse em voz baixa o cavalleiro mais moço ao que tinha proferido o nome de D. Vasco) que aquelle rosto severo causou terrivel espanto n'estas senhoras! Outro tanto se diz que produzia a cabeça de Medusa!

— Guardae-vos (lhe respondeu o outro) de que essa cabeça não petrifique nossas esperanças. Temo muito as intrigas d'el-rei, que está já em Cuenca, ainda que ha pouco vós e eu diziamos aos outros o contrario. Se D. Vasco não sae eleito, adeus nossa ambição, nossos projectos queridos, nem eu chegarei aos cargos principaes da ordem, nem vós a commendador: nunca teremos voto nem influencia no capitulo, e o que peior é, não teremos a renda d'uma boa commenda para pagar as dividas de cavalleiros!

(Continúa).

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão. Rua da Boa-Vista n. 8.